



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

TAIANE CRISTINE MEIRELES SOUSA

**MÃES UNIVERSITÁRIAS: experiências e desafios da maternidade e da vida
acadêmica em São Bernardo do Maranhão**

SÃO BERNARDO, MA

2022

TAIANE CRISTINE MEIRELES SOUSA

**MÃES UNIVERSITÁRIAS: experiências e desafios da maternidade e da vida
acadêmica em São Bernardo do Maranhão**

Trabalho de Conclusão do Curso, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Ciências Humanas/Sociologia pela da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de São Bernardo, MA.

Orientador: Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Junior

SÃO BERNARDO

2022

Ficha catalográfica

TAIANE CRISTINE MEIRELES SOUSA

MÃES UNIVERSITÁRIAS: experiências e desafios da maternidade e da vida acadêmica em São Bernardo do Maranhão

Trabalho de Conclusão do Curso, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Ciências Humanas/Sociologia pela da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de São Bernardo, MA.

Orientador: Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Junior

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Jr
UFMA – Centro de Ciências de São Bernardo

Prof. Dr. Josenildo Campus Brussio
UFMA – Centro de Ciências de São Bernardo

Examinador (a) 01

Prof. Esp. Angélica Lima Melo
UFMA – PPGS

Examinador (a) 02

MÃES UNIVERSITÁRIAS: experiências e desafios da maternidade e da vida acadêmica em São Bernardo do Maranhão

Taiane Cristine Meireles Sousa¹

Clodomir Cordeiro de Matos Junior (Orientador)²

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os processos e fatores que influenciam a permanência das discentes mães no curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia do Centro de Ciências de São Bernardo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo com característica descritiva e exploratória realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Frente os objetivos que o artigo propõe o texto está dividido em três sessões. Inicialmente, destacaremos os procedimentos metodológicos utilizados na realização da pesquisa, com especial destaque para a técnica da análise de conteúdos. Na segunda sessão, exploramos referências teóricas acerca da mulher e da maternidade, ressaltando a vivência da maternidade no contexto acadêmico. Na terceira etapa do artigo apresentam-se os resultados obtidos com a realização da pesquisa, destacando as estratégias dessas mães estudantes para sua permanência na universidade e os desafios de conciliar a maternidade com os estudos superiores. Por fim, apresentamos considerações finais acerca do que exploramos ao longo do texto.

Palavras-chaves: Universidade; Maternidade; Mulher; São Bernardo; Estratégias.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the processes and factors that influence the permanence of older students in the Bachelor of Human Sciences/Sociology course at the São Bernardo Science Center of the Federal University of Maranhão (UFMA). This is a qualitative research with descriptive and exploratory characteristics carried out through semi-structured interviews. In view of the objectives that the article or text is divided into three sections. Initially, we will highlight the methodological procedures used in conducting the research, with special emphasis on the content analysis technique. In the second session, we explored theoretical references on women and motherhood, highlighting the experience of motherhood in the academic context. In the third stage of the article, we present the results obtained from the research, highlighting the strategies of most students for their permanence in the university and the challenges of reconciling motherhood with higher studies. Finally, we present the final considerations about what we explore throughout the text.

Keywords: University; Maternity; Woman; São Bernardo; Strategies.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia do Centro de Ciências de São Bernardo da Universidade Federal do Maranhão/UFMA.

² Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia do Centro de Ciências de São Bernardo da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre as Cidades (CITADINOS/UFMA).

1. INTRODUÇÃO

As questões que envolvem a conquista de direitos pelas mulheres na sociedade brasileira percorreu um longo período, sendo marcada historicamente por situações de subalternidade e privação. Destinadas socialmente ao cuidado do lar e dos filhos durante muito tempo lhes foi negado o direito a escolarização, especialmente quando esta era socialmente associada ao exercício de atividades fora do ambiente doméstico. Engajadas em lutas históricas e pontuais as mulheres foram à luta pelo reconhecimento de seus direitos, tendo hoje ampliado o leque de conquistas educacionais, penetrando os muros da universidade brasileira.

A universidade incorpora socialmente um papel muito importante na busca por realizações pessoais e profissionais da mulher maranhense, tornando-se um caminho privilegiado para questões que envolvem objetivos subjetivos e econômicos. Presentes de maneira massiva nas universidades brasileiras as experiências de formação em nível superior para as mulheres é permeada por inúmeros desafios, entre eles a condição de ser esposa e mãe durante a vida universitária.

Frente essa situação a pesquisa buscou explorar experiências que levem em consideração as interfaces entre as condições de ser mulher, mãe e estudante universitária. O trabalho analisa as percepções das estudantes universitárias mães sobre os desafios que enfrentam, destacando as estratégias e situações que garantem, mesmo que de maneira precária, a conciliação entre as demandas da maternidade e as exigências da vida acadêmica.

A coleta de dados da pesquisa foi realizada com 06 (seis) discentes mães do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas do Centro de Ciências de São Bernardo, Universidade Federal do Maranhão (UFMA)³, aventando questões significativas para entender como essas mulheres, mães e universitárias compreendem suas experiências no ambiente acadêmico e quais os fatores garantem sua permanência nesses espaços.

³ O município de São Bernardo do Maranhão foi criado pela Lei Estadual Nº 875, de 15 de julho de 1935, após inúmeras incorporações e desmembramentos com municípios vizinhos. A cidade está localizada a 375 quilômetros da capital São Luís e encontra-se na microrregião do Baixo Parnaíba, leste maranhense, fazendo divisa com cidades do estado do Piauí. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o município tem uma área de 1.006,920 km² e conta com uma população estimada de 28.020 habitantes em 2016. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2019 é de 4,6 nas séries iniciais do Ensino Fundamental e de 4,0 nas séries finais do Ensino Fundamental. As principais atividades econômicas do município são o comércio e os serviços, seguidos pela agricultura e uma incipiente produção industrial.

Buscando contemplar os objetivos do artigo o texto foi organizado em três sessões. Na primeira, apresentamos os procedimentos metodológicos que tornaram possível a realização da pesquisa e a produção de dados que serão apresentados. Em seguida, exploramos as apreensões teóricas acerca da mulher e da maternidade na literatura científica, ressaltando as interfaces da maternidade no contexto acadêmico. Na terceira etapa do texto destacamos os resultados obtidos durante a realização da pesquisa, buscando fornecer elementos para uma melhor compreensão dos processos que envolvem a experiência materna e suas interfaces com a vida acadêmica. Por fim, busco desenvolver uma análise de conjunto acerca das questões apresentadas ao longo do artigo.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desse trabalho foi feita uma pesquisa de abordagem qualitativa com características exploratórias. Nesse tipo de abordagem, a pesquisadora busca manter contato direto com o objeto de estudo e seu contexto empírico, processo que lhe permite uma visão extensa do objeto a ser pesquisado ao mesmo tempo em que considera a realidade dos sujeitos interlocutores. Para Minayo (2008), o compromisso da pesquisa qualitativa reside na compreensão das dinâmicas das relações sociais, permeadas por crenças, valores, atitudes e hábitos, capazes de revelar maneiras de pensar, sentir e se comportar que dão forma as nossas sociedades contemporâneas.

2.1 O campus universitário como campo de estudo

A pesquisa foi desenvolvida no Centro de Ciências da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)⁴ localizada no município de São Bernardo, Maranhão, especificamente com as alunas mães do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia desse centro acadêmico. Atualmente o Centro de Ciências de São Bernardo é composto pelos cursos de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Licenciatura em Ciências Naturais/Química, Licenciatura em Linguagens e Códigos/Português, Licenciatura em Linguagens e Códigos/Música e o curso de Bacharelado em Turismo, apresentando o total de 640 alunos com matrículas ativas.

⁴ O Centro de Ciências de São Bernardo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) foi instituído pela Resolução Nº 139-CONSUN de 25 de maio de 2010, no âmbito da adesão da universidade ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

O curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia⁵ foi criado pela Resolução Nº 128-CONSUN de 24 de maio de 2010 e modificado pela Resolução Nº 174-CONSUN, de 24 de abril de 2013, materializando uma proposta de formação interdisciplinar de professores na área de Ciências Humanas (História, Geografia, Filosofia e Sociologia) para atuarem na Educação Básica, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. O curso tem carga horária total de 3.315 horas, devendo ser integralizado, no turno noturno, no mínimo em oito e no máximo em doze semestres.

A primeira turma do curso iniciou suas atividades no período letivo de 2010.2, tendo formado sua primeira turma no ano de 2014. Admitindo 60 alunos por semestre⁶ o curso possuía, em 2021, 256 alunos⁷ com matrículas ativas⁸. Em meio a esses alunos selecionamos nossa amostra de interlocutores, capazes de revelarem as experiências das mães universitárias no município de São Bernardo.

2.2 Sujeitos do estudo

Para a realização da pesquisa que deu origem ao artigo foram selecionadas estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia do Centro de Ciências da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em São Bernardo que vivenciam a maternidade. As interlocutoras possuíam vínculo ativo com a universidade no momento das entrevistas, idade entre 23 (vinte e três) e 40 (quarenta) anos e filho(os) e/ou filha(as) com faixa etária entre 0 e 18 anos de idade.

O contato com as participantes ocorreu no início de 2021 e devido ao cenário de pandemia que estamos passando ocorreu de duas maneiras, presencial com as participantes que residem no município de São Bernardo e via WhatsApp com as participantes que não residem na cidade. No primeiro encontro com cada participante foram detalhados os objetivos da pesquisa, que gira em torno da compreensão das experiências das estudantes na intersecção

⁵ Fonte: <http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/2dzXaKqPXWUkHME.pdf>. Acesso em: 05/01/2022.

⁶ Fonte: https://portais.ufma.br/PortalProReitoria/proen/paginas/pagina_estatica.jsf?id=20. Acesso em: 05/01/2022.

⁷ Informações disponibilizadas pelo coordenador do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/Sociologia do Centro de Ciências de São Bernardo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), professor Dr. Thiago Pereira Lima.

⁸ O colegiado do curso de Ciências Humanas/Sociologia é composto por 12 (doze) docentes, sendo que 11 (onze) possuem doutorado e 01 (um) formação em nível de mestrado.

com suas vivências da maternidade, e condições de participação, momento no qual obtivemos a concordância com os termos da pesquisa.

As entrevistas presenciais ocorreram na residência das participantes, foram gravadas e tiveram tempo médio de duração de 30 minutos, sendo posteriormente transcritas pela pesquisadora. Com a finalidade de preservar a identidade das discentes e sua integridade, optamos pela adoção de nomes fictícios ao longo da pesquisa, optando as entrevistadas pelos nomes de flores, tais como Rosa, Tulipa, Jasmim, Orquídea, Violeta e Margarida. Frente esse arranjo participaram deste estudo seis mulheres mães com idades entre 23 e 40 anos, graduandas do curso de Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de São Bernardo, Maranhão.

2.4 Coleta de dados

Para a coleta dos dados desta pesquisa foi utilizada como instrumento de pesquisa a realização de entrevistas semiestruturadas, que tem como uma de suas características a aplicação de questões predefinidas capazes de, em sua flexibilidade, explorar questões que possam surgir no momento de sua realização. O roteiro temático da pesquisa girou em torno de questões acerca das trajetórias acadêmicas e suas intersecções com a maternidade, capazes de explorarem os desafios da permanência destas discentes mães no meio universitário.

A partir das entrevistas a análise dos dados foi realizada a partir de uma análise de conteúdo, especialmente em sua modalidade temática (BARDIN, 2011). A análise de conteúdo pode ser considerada uma técnica de tratamento de dados coletados que visa à interpretação de material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva e sistemática capaz de revelar a riqueza manifesta no momento da coleta das informações. Segundo Bardin (2011), o termo análise de conteúdo visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

3. REPRESENTAÇÕES SOBRE SER MULHER E MÃE NA LITERATURA SOCIAL

Na sociedade em que vivemos a desigualdade está presente no nosso cotidiano, sendo matizada por recortes de classe, étnicos raciais e de gênero, demarcando múltiplas camadas de uma sociedade hierarquizada.

Em um contexto em que prevalece a concepção de uma família nuclear de caráter patriarcal, articula-se uma forma de organização social onde se reproduzem relações de poder que revelam a dominação dos homens sobre as mulheres. Sob essa ótica, a subjugação das mulheres é uma das mais antigas formas de opressão dos nossos arranjos sociais, delimitando uma determinada divisão sexual do trabalho onde elas ficam responsáveis por atividades domésticas, como cuidar dos filhos, e os homens por atividades fora do ambiente doméstico, especialmente aquelas relacionadas ao sustento econômico da família.

Scavore (2001) aponta que foi após a segunda guerra (1939-1945) que o feminismo contemporâneo passou a dar destaque para questões que colocavam em dúvida o determinismo sobre a vida das mulheres, criticando a maternidade como um destino irrefutável das mulheres. De acordo com a autora, com o lançamento do livro *O Segundo Sexo*, de Simone Beauvoir (1949), o movimento feminista contemporâneo questionou de maneira incisiva os temas relacionados à mulher e seu papel na sociedade. Quando Beauvoir (1949) pondera que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, revelam-se caminhos que vão além de nossa dimensão biológica, destacando-se as pressões e amarras sociais que envolvem a vida social das mulheres.

Um dos elementos radicais desta politização relacionava-se à maternidade, isto é, refutar o determinismo biológico que reservava às mulheres um destino social de mães. A maternidade começava, então, a ser compreendida como uma construção social, que designava o lugar das mulheres na família e na sociedade, isto é, a causa principal da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino. Com base nesta evidência, a crítica feminista considerava a experiência da maternidade como um elemento-chave para explicar a dominação de um sexo sobre outro: o lugar das mulheres na reprodução biológica – gestação, parto, amamentação e consequentes cuidados com as crianças – determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado e à dominação masculina. (SCAVONE,2001, pp.138-139).

Nessa perspectiva aberta por obras dessa envergadura as feministas começaram a considerar a maternidade como um dos principais elementos para explicar o domínio do sexo masculino sobre o feminino, especialmente quando se colocava em tela seu “destino” doméstico e ausência no espaço público. Para Scavone (2001, p.145) “a realização da maternidade ainda é um dilema para as mulheres que querem seguir uma carreira profissional, já que, nas responsabilidades parentais, ainda são elas as mais sobrecarregadas”.

Em uma sociedade extremamente desigual como a brasileira as mulheres que mais sofrem os efeitos da maternidade em suas trajetórias individuais são as de baixa renda, sobretudo aquelas que necessitam voltar para o trabalho após o nascimento de seus filhos e estão em ocupações informais.

Entre o modelo reduzido de maternidade com uma variedade crescente de tipos de mães (mães donas-de-casa, mães chefes-de-família, mães “produção independente”, casais “igualitários”) e as diversas soluções encontradas para os cuidados das crianças (escolas com tempo integral, creches públicas, babás, escolinhas especializadas, vizinhas que dão uma olhadinha, crianças entregues a seus próprios cuidados, avós solícitos), a maternidade vai se transformando, seguindo tanto as pressões demográficas, natalistas ou controlistas, como as diferentes pressões feministas e os desejos de cada mulher. (SCAVONE, 2001, p.149).

Explorando as múltiplas adaptações que envolvem a maternidade o movimento feminista construiu uma nova visão a respeito desse processo, colocando em destaque as discriminações e preconceitos que marcam as trajetórias das mulheres nas sociedades contemporâneas.

3.1 Sociabilidades, *habitus* feminino e maternidade

O *habitus*, sob a perspectiva de Pierre Bourdieu (1930-2002), pode ser entendido como um conjunto de disposições “[...] duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações.” (1983, p. 65). Dessa forma, o *habitus* associa-se as formas como as sociedades dispõem das pessoas, estimulando modos de ações e pensamentos que reforçam no presente experiências passadas que nos conectam aos nossos contextos sociais.

No rastro desses argumentos cada sociedade encara de um modo diferente a chegada de uma criança ao mundo, associando a experiência materna a sentimentos de satisfação, dor ou perigo. “O estilo de maternidade, é uma expressão da cultura e engloba um sistema de valores relacionados com o que é a mulher e, também com o que é o filho; as atitudes para com ela variam de acordo com as classes sociais”. (CORREIA,1998, p. 366, apud KITZINGER, 1978). Analisando a evolução dos comportamentos relacionados à maternidade e ao cuidado com as crianças, o amor maternal emerge não como algo ligado à natureza feminina, pois “o amor maternal é algo infinitamente complexo e imperfeito; longe de ser instinto é condicionado por múltiplos fatores, independentes da “boa natureza” ou “boa

vontade” da mãe; seria preciso um milagre para que este amor fosse como se tem escrito”. (CORREIA,1998, p. 366, apud BANDINTER, 1992).

Dessa forma, a maternidade desloca-se da história de vida de cada mulher ou seu desejo pela criança para a compreensão de seu condicionamento por fatores sociais e culturais. Para Correia (1998) somente no final do século XVIII ocorre uma mudança na forma como é vista a imagem da mãe e sua importância perante a família.

O século XIX é, conseqüentemente, um importante marco na origem de uma “nova mulher”: educadora, mãe, criadora da sociedade futura. Passou a esperar-se uma quase onipotência por parte da mulher. Cria-se assim à mulher a obrigação de, antes de tudo o mais, ser mãe. [...] Deste modo, é o século XVIII o início da construção da nova imagem de mãe, cujas linhas se vão tornando mais marcadas nos séculos seguintes. Começa a considerar-se a criança o objeto de valor privilegiado na atenção materna; insiste-se em que a mulher se sacrifique para a melhor qualidade de vida do seu filho. (CORREIA,1998, p.368).

As mudanças nas formas como são vistas ao longo do tempo a função materna parece ter produzido efeitos em dois sentidos, possibilitando, por um lado, que algumas mulheres vivam a maternidade de maneira engajada e satisfatória, e, por outro, que essas experiências sejam apreciadas sob o crivo da aflição e do sofrimento, revelando pressões sociais e familiares para um destino que se anuncia. Segundo Scavone (2001) este modelo se consolidou em uma ideologia que passou a exaltar o papel “natural” da mulher como mãe, atribuindo-lhe todos os deveres e obrigações na criação do(a)s filho(a)s e limitando o papel social feminino à maternidade.

A mudança dos padrões da maternidade tradicional, aquele em que a mulher é mãe em tempo integral e se responsabiliza pelo cuidado de muitos filhos, para o padrão de maternidade moderno, onde a mulher passa a ter menos filhos e priorizar suas atividades de trabalho ganha forma em uma sociedade de caráter industrial. Para Scavone (2001):

As contradições inerentes ao processo de industrialização e a forma como as mulheres ingressaram no mercado de trabalho, marcadas por profundas desigualdades sociais e sexuais, revelam os impactos desse processo na mudança dos padrões da maternidade. No momento em que as mulheres das famílias operárias, no século XIX, começaram a associar, de forma crescente, trabalho fora do lar e maternidade (leia-se, também, como trabalho no lar), instaurou-se a lógica da dupla responsabilidade, que se consolidou no século XX, com o avanço da industrialização e da urbanização, recebendo por parte das análises feministas contemporâneas a designação de “dupla jornada de trabalho”. (SCAVONE, 2001, p. 49).

Durante a I Primeira Guerra Mundial (1914-1918)⁹ a mulher ultrapassa definitivamente os limites da experiência doméstica e reprodução familiar, pois com a ida dos homens à guerra e as inúmeras baixas humanas elas tiveram que desempenhar atividades conectadas anteriormente ao mundo masculino.

Nos anos 1960 emerge um movimento feminista renovado que se espalha pelo mundo ocidental, estimulando, segundo Correia (1998), a destruição do “mito da passividade da mulher” associada à ideia de uma “mãe espontaneamente dedicada e sacrificada”. A maternidade deixa de ser a única preocupação da mulher, sendo intercalada pelo aumento da presença feminina na esfera pública, especialmente a partir dos protestos de mulheres que garantiram o direito ao voto, ao trabalho e, entre outros, à escolarização.

3.2 Ensino Superior, experiências femininas e maternidade

Quando falamos do papel da mulher dentro da sociedade é fundamental pensar nas conquistas alcançadas pelas lutas sociais do movimento feminista. Uma das principais conquistas femininas em solo brasileiro gira em torno do acesso à educação, pois no período colonial no Brasil (século XVI à XIX) o ensino das mulheres geralmente ocorria em casa e tinha o intuito de promover uma boa administração da casa e criação dos filhos.

Atualmente a educação feminina é vista como um processo essencial para que as mulheres consigam sua independência financeira e realização pessoal, passando a constar como direito em nossa Carta Magna, a Constituição Federal de 1988. Nesse contexto, a universidade incorpora um papel importante e potente na trajetória das mulheres que buscam crescimento pessoal e profissional. Segundo Cardoso, Amorim e Lacerda (2014) apud Paivandi (2014):

O Estado espera uma universidade onde os estudantes se saiam bem e aprendam porque se os novos estudantes formados na universidade não forem operacionais no mercado, eles não conseguirão desenvolver trabalhos importantes nas atividades profissionais e de pesquisa, não conseguirão trabalhar, na economia de hoje, fundada nos saberes. (CARDOSO, AMORIM e LACERDA 2014, p. 225 apud PAIVANDI, 2014).

No fim do século XIX as mulheres conseguem o direito a ter acesso ao Ensino Superior, contudo, nesse período as universidades possuíam um público predominantemente

⁹ A I Primeira Guerra Mundial foi um conflito bélico de caráter global centrado na Europa que teve início em 28 de julho de 1914 e encerrou-se em 11 de novembro de 1918. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira_Guerra_Mundial. Acesso em: 12/02/2022.

masculino. Com o crescimento e expansão das universidades brasileiras nos anos 1970 as mulheres passam a ocupar de maneira significativa esse espaço, sendo a maioria de seu público em nossos dias atuais.

Mesmo diante desse processo de penetração das mulheres no espaço universitário muitas mulheres ainda enfrentam inúmeras dificuldades para conseguir acessar e ter sucesso no ambiente acadêmico. Nesse contexto, um dos principais fatores associados às dificuldades do acesso da mulher à vida acadêmica, ou seu adiamento, gira em torno da maternidade e os deveres domésticos associados a essa experiência. Segundo Santos e Silva (2011):

No caso de estudantes que deixam a Universidade, em função da necessidade de trabalhar ou de se ocupar dos filhos, temos aí um “tipo” de saída, que, para muitos, é vivida como uma espécie de adversidade da vida, pois conhecem a importância da longevidade escolar com obtenção de diploma, como fator de preparação intelectual e mobilidade social. No cotidiano da sala de aula, são inúmeras as histórias desse tipo entre estudantes mais velhos e que retornam, por vezes, muitos anos depois, em busca de continuar sua formação acadêmica. (SANTOS e SILVA, 2011, p.256).

As atividades que envolvem a vida acadêmica parecem não se conciliar com as competências maternas, exigindo das mulheres rotinas diárias complexas que deixam em seu horizonte a possibilidade de interromper trajetórias acadêmicas e trabalhistas. Para uma mulher que tem filhos e cursa o ensino superior “as coisas se tomam mais complicadas”, pois a dedicação às leituras dos textos deve ser intercalada com atividades domésticas e maternas.

Para Coulon (2008), “hoje o problema não é entrar na universidade, mas continuar nela [...]”, pois a maioria dos alunos que entram na universidade desiste no “meio do caminho”, alguns por não conseguirem conciliar trabalho e universidade, outras por terem que conciliar vida acadêmica e experiências maternas. Para Santos e Silva:

Hoje, é possível que um jovem deixe o sistema de ensino para trabalhar, estabeleça relação com um parceiro, tenha um filho e, depois, retorne ao mundo da educação para completar seus estudos, mesmo que abandonar os estudos tenha como consequência acessar empregos precários ou menos rentáveis. (SANTOS e SILVA, 2011, p.258).

As universitárias que tem filhos precisam para a continuidade de sua vida universitária de uma rede de apoio capaz de garantir sua reprodução financeira, a supervisão momentânea de seus filhos e o tempo necessário para a realização das atividades acadêmicas em meio às exigências de suas responsabilidades domésticas e maternas. Portanto, os

desafios para essas sujeitas são de múltiplas ordenes, permeando desde sua entrada no ambiente universitário à sua manutenção e conclusão.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Nesse momento do artigo serão apresentados os resultados produzidos a partir da análise e interpretação dos dados coletados através das entrevistas. Frente esse objetivo o texto foi dividido em quatro. Inicialmente, exploraremos as impressões de nossas interlocutoras acerca de seu ingresso na universidade e início da trajetória acadêmica. Em um segundo momento, analisaremos alguns dos significados que a maternidade adquire para essas mulheres e os desafios para a conciliação da maternidade com a vida acadêmica. Posteriormente, destacaremos as situações vivenciadas por essas mulheres como “donas de casa”, mães e estudantes. Por fim, a análise dos resultados se encerra com uma reflexão sobre as estratégias que essas mães estudantes têm adotado para permanecer na universidade.

4.1 Interlocutoras da pesquisa

Com o intuito de apresentar nossas interlocutoras e qualificar a compreensão acerca dos dados apresentados, a tabela que segue abaixo (Tabela 1) apresenta um panorama geral do perfil das entrevistadas, destacando suas condições financeiras, étnico-raciais e faixas etárias.

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas da pesquisa

Nome	Rosa	Tulipa	Jasmim	Orquídea	Violeta	Margarida
Idade	32	37	40	27	23	31
Identidade étnico-racial autodeclarada	Parda	Negra	Negra	Parda	Parda	Branca
Estado Civil	Solteira	Casada	Casada	Solteira	Solteira	Solteira
Naturalidade	São Bernardo, MA	Buriti, MA	São Paulo, SP	São Bernardo, MA	Parnaíba, PI	Parnaíba, PI
Município em que reside	São Bernardo, MA	Tutóia, MA	São Bernardo, MA	Santana, MA	Araioses, MA	Água Doce, MA
Nº de filhos	01	02	03	02	01	01

Idade dos filhos	06 anos	- 11 anos - 06 meses de gestação	- 18 anos - 15 anos - 13 anos	- 06 anos - 01 mês	- 03 anos	- 11 anos
Profissão/ocupação	Professora	Autônoma	Professora	Agricultora	Autônoma	Agricultora
Renda familiar mensal aproximada	01 a 02 salários mínimos	01 a 02 salários mínimos	01 a 02 salários mínimos	01 a 02 salários mínimos	01 a 02 salários mínimos	01 a 02 salários mínimos
Período do curso	11°	10°	10°	10°	09°	10°

Fonte: Análise dos dados produzidos na pesquisa.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1, as entrevistadas responderam ter idades entre 23 e 40 anos. Três mães possuem somente um filho, com idade entre 03 a 11 anos; duas mães têm 02 filhos, com idades entre 0 a 11 anos, sendo que uma delas está gestante de seis meses; e, somente uma interlocutora tem três filhos, com idades entre 13 e 18 anos. Das seis mães entrevistadas, uma tornou-se mãe durante o curso e as outras cinco já eram mães quando iniciaram seus cursos de graduação. A maioria das participantes, precisamente quatro, são mulheres solteiras e apenas duas são atualmente casadas.

Em termos étnico-raciais, três mulheres se auto definiram como pardas, duas como negras e uma como branca. As seis interlocutoras estão no fim de seus cursos, cursando entre o 9° e 11° período da graduação, sendo que duas delas são professoras, outras duas autônomas e duas agricultoras. Quanto ao perfil econômico das entrevistas, todas responderam ter renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. Somente duas das entrevistadas residem no município de São Bernardo do Maranhão e quatro delas em municípios vizinhos, especificamente Tutóia, Araióses, Água Doce e Santana do Maranhão.

A distância que separa suas residências da universidade gera causa um grande desgaste físico e mental para essas mulheres, pois quando se tem filhos o tempo de que dispomos torna-se altamente relevante, ainda mais quando essas mulheres dependem exclusivamente do transporte público¹⁰ oferecidos pelas prefeituras locais para se locomover. A distância e a dificuldade de acesso à cidade onde se localiza a universidade é um dos motivos que levam essas universitárias mães que residem em outros municípios a pensar em desistir de seus cursos. Passemos a análise das experiências, percepções e expectativas de nossas interlocutoras.

¹⁰ Ônibus fornecido de forma gratuita pelas prefeituras dos municípios de Santana, Araióses, Água Doce e Magalhães de Almeida para os estudantes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em São Bernardo.

4.2 Experiências da vida acadêmica e da maternidade em São Bernardo

Nesse tópico do artigo serão apresentadas as experiências e percepções das mães estudantes entrevistadas acerca de sua trajetória acadêmica em meio às demandas da maternidade. Dessa forma, podemos identificar, inicialmente, dois perfis que marcam as narrativas de nossas interlocutoras: um primeiro grupo gira em torno de mulheres que ingressaram na vida acadêmica já sendo mães; e, um segundo caracterizado por mulheres que se tornaram mães durante o período de graduação. Cada uma dessas mães traz consigo e para o espaço acadêmico expectativas, inseguranças e contribuições que precisam ser escutadas para que a universidade contemple a diversidade que ela abriga, sem calar discursos, saberes e histórias. (SAMPAIO, 2008).

a) *Iniciando a vida universitária*

Questionadas sobre como foi seu ingresso no curso superior da UFMA, as interlocutoras ponderaram que:

Muito difícil, pois quando entrei na universidade minha filha tinha apenas 04 meses e eu estava desempregada e estava passando por uma separação com o pai da minha filha. Então não foi fácil devido a tudo isso e também pelo fato de ter terminado o ensino médio em 2007 e desde então não havia estudado mais. Só em 2015 que ingressei na UFMA. (Rosa)

Foi algo totalmente novo, um modo de pensar, de interpretar as coisas, foi revolucionário para mim. Eu não sou e nem seria a pessoa que eu era antes da universidade. (Tulipa)

Foi algo novo e bastante desafiador. (Jasmim)

Foi um pouco complicado, pois quando entrei na universidade o meu filho era pequeno e eu tinha que deixá-lo para ir para a universidade todas as noites no ônibus e voltava só dez horas, mas conforme ele foi crescendo foi dando certo. (Orquídea)

Foi um pouco complicado, porque não sabia como iria me locomover do município onde eu moro para o campus da UFMA em São Bernardo. (Violeta)

Foi muito bom, porque foi uma experiência maravilhosa, mas confesso que tive inúmeras dificuldades, pois conciliar o trabalho, a convivência com a família, a universidade e principalmente que meu filho era pequeno, foi um desafio para mim. (Margarida)

Podemos perceber nas falas das graduandas o quanto foi complicado ingressar na vida acadêmica, devido como destacado nas entrevistas, seus filhos ainda serem pequenos e a

universidade se localizar distante de suas residências. Para as estudantes que residem em outros municípios, os desafios da vida acadêmica e materna parecem se potencializar, pois para frequentarem a universidade as mesmas tinham que sair de casa muito cedo para pegar o ônibus que as levaria para o campus e voltavam para suas casas muito tarde.

Mesmo diante dos inúmeros desafios encontrados por nossas interlocutoras note-se que ingressar na universidade teve um potencial de transformação significativo na vida dessas mulheres, pois as deixou mais “fortes” e “confiantes” para seguirem em frente em busca dos seus sonhos.

b) *Significados da maternidade para as estudantes*

Ao perguntar qual o significado da maternidade para as interlocutoras da pesquisa as mesmas apontaram que:

Sempre tive o sonho de ser mãe, era minha maior vontade. Maternidade significa para mim amor, superação, força, cumplicidade e respeito. (Rosa)

Significa amor, respeito e dedicação. (Tulipa)

É algo único, diferente e especial. (Jasmim)

É tudo, é aprender a amar sem medidas. (Orquídea)

Maternidade hoje para mim é dedicação, amor incondicional e uma coisa inexplicável. É algo único. (Violeta)

Com o nascimento do meu filho enfrentei diversos obstáculos, desde a discriminação ao preconceito, pelo fato de ser mãe solteira. Mas pelo meu filho sempre me senti motivada a não desistir dos meus sonhos. A maternidade me trouxe uma nova visão, passei a ter mais responsabilidade, a trabalhar mais. A maternidade para mim foi uma experiência boa, pois hoje me sinto uma mulher experiente e capaz de enfrentar todos meus obstáculos. (Margarida)

A visão romantizada sobre a maternidade pode gerar sentimentos de frustração e impotência na mulher, podendo levá-las a problemas psicológicos graves na busca obsessiva pela perfeição inalcançável (AZEVEDO E ARRAIS, 2006), fazendo que muitas mulheres experimentem sentimentos contraditórios com a imagem idealizada da maternidade imposta por nossas sociedades. Nos relatos das entrevistadas percebemos que todas elas descrevem a maternidade como algo “único” e “inexplicável” e que os significados da maternidade para essas mulheres giram em torno das ideias de respeito, força, responsabilidade, superação e dedicação.

Questionadas sobre a condição de serem mães e estudantes, nossas interlocutoras consideram que:

É algo desafiador, que no início achei que não fosse dar conta, pois tinha de trabalhar, estudar, cuidar das atividades domésticas e cuidar da minha filha. Mas consegui e hoje vejo o quanto cresci em todos os aspectos. (Rosa)

Hoje me sinto bem com essa situação, mas no começo foi bem complicado. (Tulipa)

É um desafio ser mãe e estudar ao mesmo tempo. Porque às vezes os filhos pedem para a gente não ir para a universidade para ficar com eles. Às vezes a gente se preocupa por deixar eles em casa, muitas vezes sozinhos. Muita preocupação de ter que dar conta da casa e da universidade. É um desafio, mas um desafio bom. (Jasmim)

É bastante complicado, porque às vezes a gente não tem com quem deixar o filho e tem que ir para a universidade, as vezes tem disciplina optativa pela tarde, e disciplina obrigatória a noite e tem que ter tempo para estudar. É bastante complicado, mas se organizado sempre dá certo. É colocar a universidade em primeiro lugar, depois os filhos, por um instante. Pois tem que dar conta das atividades que são passadas pelos professores, mas no final tudo dá certo. (Orquídea)

No começo achava complicado, mas hoje eu encaro super de boa, tranquilo, normal. (Violeta)

Quando ingressei na faculdade enfrentei muitos desafios, porque saia muito cedo para trabalhar e do meu trabalho já ia para a faculdade e voltava para casa muito tarde, por volta da meia noite, por causa da distância da minha cidade para a universidade, tinha pouco tempo para cuidar do meu filho, mas sempre encontrei um tempo para cuidar da vida estudantil dele. (Margarida)

De acordo com as interlocutoras a universidade e suas demandas “exige tempo e empenho” dos indivíduos que nela ingressam e para alcançar o sucesso na vida acadêmica é preciso “muita dedicação”. Na fala das discentes mães conciliar as atividades maternas e acadêmicas é uma tarefa cansativa e árdua, exigindo uma série de estratégias que as permitam se dedicar aos estudos ao mesmo tempo em que cuidam de seus filhos e residências.

É notável na fala das interlocutoras que quando se é mãe e estudante simultaneamente os desafios da vida acadêmica tornam-se maiores, pois são exigidas conciliações entre as demandas da universidade e as exigências da maternidade. Nesse processo, nem todas as mães estudantes conseguem conciliar esses dois contextos, estimulando a evasão universitária sob diferentes perspectivas.

c) Família, relações matrimoniais e vida universitária

Ao serem questionadas sobre as impressões de suas famílias sobre suas experiências como mães e estudantes as interlocutoras relatam que:

Sempre tive o apoio dos meus pais, principalmente da minha mãe. Assim que iniciei o primeiro período meu pai falou para eu desistir devido minha filha ser recém-nascida, para trancar o curso e voltar no ano seguinte. Porém falei que não ia desistir e tive todo apoio da minha mãe e com o passar do tempo tive também o apoio do meu pai. (Rosa)

A minha mãe e o meu pai sempre quiseram que eu estudasse, porém eu que não tinha vontade. Após me casar que veio o incentivo maior pelo estudo, um incentivo vindo do meu marido. Eu não estaria estudando se ele não tivesse insistido. (Tulipa)

Meu esposo sempre me apoiou, ele entende minha situação e me ajuda. Já os familiares são mais complicados, porque muitas vezes eles me criticam, pois eles falam que alguns problemas que surgiram na minha família apareceram por eu estar estudando. (Jasmim)

Na minha família foi tudo normal. O pai do meu filho sempre aceitou e sempre cuidou do meu filho, pois era ele que ficava com nosso filho enquanto eu estava na UFMA. (Orquídea)

Minha mãe acha normal, pois ela sabe que é comum hoje em dia ser mãe e estudar. O pai do meu filho tem o mesmo pensamento da minha mãe. (Violeta)

A minha mãe sempre insistiu para eu voltar a estudar. Ela sempre ficou com meu filho enquanto eu estudava e trabalhava. Então minha mãe foi a pessoa que mais me ajudou nesse período de dificuldades. Não tenho contato com o pai do meu filho, pois ele nunca quis saber do meu filho. (Margarida)

Como base nos relatos de Rosa, Tulipa, Orquídea e Margarida suas famílias sempre as apoiaram nessa trajetória de ser mãe e universitária. Tanto as mães, quanto os maridos das entrevistadas que são casadas sempre estavam ao “seu lado”, lhes dando força e suporte nesse período de dificuldades que busca conciliar a maternidade e a universidade no interior maranhense.

Para Jasmim, seu marido sempre a apoiou, porém seus familiares a criticaram muito, pois acreditavam que ela dedicava muito tempo e esforço à vida acadêmica, deixando sua família um pouco “de lado”. Nota-se que o apoio da família é de extrema importância para a permanência na universidade e que todas as graduandas tiveram o apoio de algum membro da família para a continuidade de seus estudos.

Perguntadas sobre as tentativas de conciliação da vida acadêmica e da maternidade, nossas interlocutoras responderam que:

Muitas vezes me senti fraca, com medo de falhar, devido às circunstâncias que não eram favoráveis para mim. Porém, a universidade me ajudou a amadurecer em todos os aspectos. (Rosa)

Eu vejo como algo difícil, nem todas as mães conseguem fazer isso, pois precisa ser algo pensando e também estar disposta a abrir mão de qualquer coisa. (Tulipa)

Eu me sinto uma mulher guerreira, que corre atrás do que eu quero. Pois sempre penso no melhor para meus filhos. (Jasmim)

É um sentimento de estar dividida, pois tem que dar conta da universidade, dos filhos e da casa. (Orquídea)

No começo foi difícil, porque achava que não iria conseguir conciliar os dois, mas com o decorrer do tempo foi dando tudo certo. (Violeta)

Hoje é super tranquilo, mas quando iniciei o curso passei por dificuldade, tive medo de não conseguir. Sempre busquei forças de onde nunca imaginei que ia ter, meu filho foi fundamental para realizar todas as etapas do curso. (Margarida)

Sabemos que a vida academia não é nada fácil e quando se é mãe e estudante as dificuldades aumentam. Podemos notar nos relatos das participantes da pesquisa o quanto é difícil conciliar essas duas responsabilidades. No decorrer de suas trajetórias acadêmicas todas elas sentiram medo de não conseguir concluir o curso, mas com o decorrer do tempo elas foram percebendo que eram capazes de seguir em frente, superar as dificuldades e mostrar sua força de “guerreiras”. Nessa perspectiva, o desafio de ser mãe e universitária não trás apenas frustrações e angústias, pois as tornou mais fortes e confiantes para correr atrás dos seus sonhos.

d) *Dificuldades e estratégias para a manutenção da vida acadêmica*

Indagadas sobre quais foram as maiores dificuldades que enfrentaram na vida acadêmica por serem mães e estudantes, as entrevistadas ponderaram que:

Minha maior dificuldade foi conseguir estudar em casa, fazer os trabalhos acadêmicos, pois como já morava sozinha com minha filha, então eu tinha que fazer tudo sozinha. Muitas vezes chorei por não conseguir fazer algo como gostaria, não tinha *internet* então ficava mais difícil. Sem contar que nos primeiros dois meses de universidade saía da aula para amamentar minha filha e logo depois retornava para aula e devido à isso acabava perdendo uns 30 minutos de explicação dos professores. (Rosa)

Para mim foi perceber que não tinha tempo para acompanhar a vida escolar da minha filha como deveria. Deixei de participar de festinhas, pois eram sempre pela manhã e como eu chegava bem tarde da UFMA o cansaço pela manhã era fato. As questões das atividades dela, eu via meio que minha filha se virando em fazer. Para mim foi muito triste isso. (Tulipa)

Para mim foi às vezes meus filhos não concordar com meus estudos, por que deixava eles sozinhos. Porque na cabeça do meu filho mais velho eu não ligava para ele e só pensava na universidade. Mas hoje ele entende. (Jasmim)

A maior dificuldade foi essa questão de às vezes o pai do meu filho não poder ficar com ele e não ter com quem deixar meu filho para ir para a universidade. Também conseguir tempo para realizar as atividades acadêmicas. (Orquídea)

Minha maior dificuldade foi conseguir tempo para fazer os trabalhos que eram passados pelos professores. (Violeta)

Um das principais dificuldades foram porque quando ingressei na UFMA meu filho ainda era pequeno e precisava ainda mais da minha atenção, do meu tempo e eu não podia estar sempre ao seu lado por causa da universidade. (Margarida)

Para as graduandas o mais difícil de suas trajetórias girava em torno de conseguirem conciliar o “tempo da universidade” com o “tempo da maternidade”. Em meio às múltiplas demandas desses espaços e sujeitos as mesmas experimentam diversos desafios na condução da vida acadêmica com a maternidade.

A vida universitária parece exigir muitos sacrifícios para essas mulheres, exigindo dessas sujeitas estar em dia com as leituras e trabalhos acadêmicos ao mesmo tempo em que buscam dar conta das demandas estudantis que envolvem a vida escolar de seus filhos, pois existem prazos a cumprir nesses dois espaços.

Perguntadas sobre com quem deixam seus filhos para estudarem as interlocutoras responderem que:

Sempre deixei com minha mãe. (Rosa)

No início do curso morava em Santa Quitéria e por três meses paguei uma pessoa para cuidar da minha filha, no entanto percebi que essa pessoa não cuidava dela direito, às vezes eu chegava minha filha estava com fome. Foi um período de muito sofrimento pra mim, então decidi deixar meu emprego em Santa Quitéria e ir morar em Magalhães, foi uma decisão rápida e sem arrependimento. Em Magalhães deixava minha filha com o pai dela, ele a levava para o trabalho dele para eu vir para a UFMA. Foi um momento mais tranquilo. (Tulipa)

Eu deixo meus filhos sozinhos, pois eles não são tão pequenos. O mais velho cuida dos mais novos. Por fazer isso fui muito criticada por meus familiares. (Jasmim)

Com o pai dele. (Orquídea)

Eu deixo meu filho com minha mãe. (Violeta)

Deixo com minha mãe. (Margarida)

Podemos perceber nas falas das graduandas que o apoio da família foi extremamente importante e essencial para suas permanências e sucesso na vida acadêmica. A família das universitárias é a principal via de apoio para a continuidade de suas trajetórias, cuidando das crianças para que assim possam ir à universidade, frequentar as salas de aula e concluir seus trabalhos acadêmicos. Portanto, para concluir o curso e conseguirem seus diplomas,

algumas graduandas recorriam aos avós, aos pais de seus filhos e seus vizinhos, tendo que muitas vezes pagar pessoas para ficarem com eles ou mesmo deixá-los em casas sozinhos, quando já são considerados “grandes” e responsáveis.

Continuando a entrevista, perguntei as interlocutoras as motivações para suas permanências na universidade.

A vontade de crescer como pessoa, profissional, mãe, filha em tudo. Mas principalmente a vontade de ter conhecimento, pois é algo que ninguém pode tirar de mim. (Rosa)

Além de ter um diploma de graduação para ter mais possibilidades de conseguir um serviço melhor, existe a questão de adquirir mais conhecimento. O curso de Sociologia não foi minha primeira opção, mas hoje agradeço por estar nele, pois me fez enxergar além do que eu vivia. (Tulipa)

O que me motiva é a determinação, esse engajamento que vai crescendo conforme nosso processo e nosso desenvolvimento. A universidade abre portas e isso me motiva a terminar o curso e a fazer outros cursos. (Jasmim)

O que me motiva e sempre está me motivando a continuar no curso são meus filhos, pois eu quero dar um futuro melhor para eles, um futuro que eu não tive na minha infância. A gente vê na universidade a porta de entrada para ter um futuro melhor, para conseguir crescer profissionalmente. (Orquídea)

O que me motiva é a vontade de crescer profissionalmente e crescer como pessoa. Mas principalmente pelo meu filho, para conseguir dar um futuro melhor para ele. (Violeta)

O que me motiva é meu filho, conseguir dar um futuro melhor para ele e a vontade de crescer profissionalmente, pois com um diploma vou ter mais oportunidades. (Margarida)

Para permanecer na vida acadêmica as graduandas mães precisam de motivações, e com base na fala de cada uma delas, o que as motiva é o desejo de crescer profissionalmente para conseguir dar um “futuro melhor” para seus filhos. Ter o tão sonhado diploma em mãos abre, na perspectiva das interlocutoras, “muitas portas” para essas mulheres do interior do Nordeste brasileiro, viabilizando seu crescimento profissional, um “futuro melhor” e mais oportunidades para seus filhos.

Com relação às estratégias que adotam para superar os desafios de conciliar a maternidade e a vida acadêmica e permanecer na universidade, as entrevistadas consideram que:

Na verdade, sempre optei por estudar depois que minha filha dormia a noite e nos finais de semana estudava e fazia os trabalhos. Muitas vezes, no fim de semana minha mãe vinha pegar minha filha para cuidar dela para que eu pudesse estudar com mais calma. (Rosa)

Apenas com uma filha grandinha era melhor para eu tomar decisões do que abrir mão ou não. Agora com minha outra filha que ainda estou carregando na barriga está mais complicado, pois a força de vontade diminuiu. A gravidez é muito romantizada na sociedade, existe o cansaço, as oscilações de humor e muita coisa que é preciso superar. Com minha filha de 11 anos precisei ter a estratégia de não me achar uma fracassada por não conseguir ajudar ela nos estudos. Com essa outra preciso reunir forças todos os dias para poder terminar o curso. É bem mais complicado lutar contra todo o processo da gravidez. (Tulipa)

As minhas estratégias é saber manusear o tempo. Como a vida de estudante e mãe é corrida a gente faz um pouquinho ali das coisas de casas. Levanto cedo para ler um texto e sempre que estou fazendo as tarefas de casa fico ouvindo alguma coisa no *Youtube* que tenha a ver com as disciplinas que estou estudando. (Jasmim)

Fazer sempre as atividades quando tinha tempo disponível. Quando o meu filho estava brincando ou estava dormindo. (Orquídea)

Fazer sempre as atividades que são passadas pelos professores e fazer sempre os trabalhos quando meu filho está brincando ou dormindo. (Violeta)

Fazer as atividades quando meu filho está dormindo e sempre fazer as atividades para não deixar acumular. (Margarida)

Com base nos relatos das mães universitárias podemos perceber que para elas as dificuldades de suas experiências referem-se à conciliação do tempo para suas demandas como universitárias e como mães. Nessa perspectiva, a conciliação da vida acadêmica com a maternidade torna-se possível por meio de uma rede de apoio que exerce um papel essencial para que a interpenetração dos “tempos” se torne viável. Filhos pequenos e noites de estudos em silêncio marcam alguns dos desafios que envolvem a vida da estudante universitária, visto que essas duas esferas do mundo social demandam dedicação, esforço e rotinas que lhes trazem não apenas sofrimentos, mas também alegrias e realizações pessoais e profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conciliação da vida materna com a vida acadêmica não é fácil, principalmente em uma sociedade que costuma colocar a responsabilidade pela reprodução física e mental dos filhos sobre as mulheres. Em meio às cobranças da universidade por bons rendimentos acadêmicos a maternidade adquire um peso significativo, ancorado nas projeções e expectativas que a nossa sociedade lança sobre a maternidade (URPIA, 2009).

Com essa pesquisa conhecemos alguns dos desafios e dificuldades que essas mães estudantes enfrentam no seu cotidiano para conseguir concluir o ensino superior e desenvolver suas atividades maternas. Percebemos que as estudantes mães não têm as mesmas possibilidades ou oportunidades que as demais estudantes que não

possuem uma prole, tendo que desenvolver múltiplas estratégias para continuar firmes em suas formações acadêmicas.

O papel de mãe é um grande desafio que as mulheres enfrentam ao longo de suas trajetórias e conciliar esse papel com as atividades e demandas que fazem parte da vida acadêmica dos graduandos é uma questão significativa no trajeto das mães universitárias. Quando uma mulher decide ser mãe e estudar ao mesmo tempo ela passa a se organizar dentro das possibilidades para o exercício de dois papéis, muitas vezes diminuído quando a capacidade das mulheres para o exercício de demandas diversificadas e simultâneas é colocada em pauta.

Nas narrativas das mães graduandas do Curso de Ciências Humanas podemos perceber sentimentos como culpa, incompreensão, angústia e cansaço devido, devido, entre outras situações, a dupla jornada de trabalho que envolve o cuidado com os filhos e a vida de estudos. Apesar de todas as dificuldades apontadas essas mulheres vão construindo sentido para suas experiências e criando caminhos possíveis para enfrentar os desafios que se apresentam no dia a dia da maternidade e da vida acadêmica.

Diante de tantos desafios enfrentados, é de se esperar que em algum momento estas universitárias mães pensem em desistir ou pelo menos trancar suas matrículas da graduação por um tempo. Frente a esses desafios o apoio da família foi fundamental para sua permanência e êxito no ensino superior. A família torna-se, como apontam nossas interlocutoras, a principal via de apoio dessas sujeitas, contribuindo para que possam frequentar a universidade e realizar suas tarefas. Essa ajuda emerge com força e significado considerável quando as graduandas moram em outro município e tem que sair de casa cedo para pegar o ônibus rumo à universidade.

Questionando os “deveres naturais” que envolvem as mulheres em nossa sociedade muitas universitárias mães acabam sendo julgadas por priorizar os estudos em detrimento de suas tarefas domésticas, revelando a importância do apoio familiar e de amigos para a sequência de suas trajetórias acadêmicas. Sem esse suporte seria muito difícil à conciliação da vida universitária e da maternidade, revelando as redes de apoio que se configuram como suportes para a “conciliação dos tempos” que precisam vivenciar.

A perspectiva da conclusão do ensino superior, um futuro profissional mais rentável, a produção de conhecimento e um futuro melhor para si e para seus filhos destacam os

motivos determinantes para a continuidade dessas mulheres mães na universidade, apesar dos desafios enfrentados. A entrada de mulheres na universidade articula-se cada vez mais aos processos de empoderamento feminino, apontando a vida acadêmica como um caminho não apenas de dificuldades, mas também de alegrias e sonhos.

Frente esse arranjo, é tarefa das universidades desenvolver mecanismos de incentivo ao processo de acolhimento para entrada e permanência dessas estudantes que tem filhos em suas trajetórias acadêmicas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, KÁTIA ROSA; ARRAIS, ALESSANDRA DA ROCHA. **O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto**. Psicologia: reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.

BARDIN, LAURENCE. **Organização da análise**. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições, v. 70, 2011.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**, pp. 46-81 in Ortiz, R. (Org.). Bourdieu (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.

CARDOSO, F. A, AMORIM, M.A. e LACERDA, W. G. **A educação como objeto de análise da sociologia**: pensando a relação dos estudantes com o ensino superior. Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 5, n. 1, p. 215-239, jan./jun. 2014.

CORREIA, M.J. **Sobre maternidade**. Análise Psicológica, n.3 (XVI), p. 365 – 371, 1998.

COULON, A. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SCAVONE, L. **A maternidade e o feminismo**: diálogo com as ciências sociais. Cadernos Pagu, São Paulo, n.16, p.137-150, 2001.

SCAVONE, L. **Maternidade**: transformações na família e nas relações de gênero. Interface _ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.8, p.47-60, 2001.

SANTOS, GG e SILVA, LC. **A evasão na educação superior**: entre debate social e objeto de pesquisa. In: SAMPAIO, SMR., org. Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011.

SAMPAIO, S. M. R. **Observatório da Vida Estudantil: histórias de vida e formação na educação superior**. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

URPIA, A. M. de O. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante**. 2009. 200p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.